

AMAMENTAÇÃO EM FOCO: O QUE É PUBLICADO NAS REVISTAS FEMININAS NO BRASIL?

BREASTFEEDING IN FOCUS: WHAT IS PUBLISHED IN WOMEN'S MAGAZINES IN BRAZIL?

LACTANCIA MATERNA EN FOCO: ¿QUÉ SE PUBLICA EN LAS REVISTAS FEMENINAS DE BRASIL?

Monalisa Nanaina da Silva ¹
Beatriz Castanheira Facio ¹
Letícia Longo Sarpi ¹
Jamile Claro de Castro Bussadori ¹
Márcia Regina Cangiani Fabbro ¹

¹ Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, Departamento de Enfermagem. São Carlos, SP – Brasil.

Autor Correspondente: Monalisa Nanaina da Silva. E-mail: monalisands@hotmail.com
Submetido em: 09/10/2017 Aprovado em: 04/06/2018

RESUMO

Objetivo: analisar os conteúdos sobre aleitamento materno veiculados por revistas femininas de circulação nacional. **Métodos:** pesquisa documental, exploratória, com análise qualitativa dos dados pelo método de análise de conteúdo, modalidade temática. Os resultados foram coletados entre 2015 e 2016 e interpretados à luz da perspectiva de gênero. **Resultados:** nos 72 exemplares publicados no período proposto, houve 66 ocorrências do tema aleitamento materno. Da análise emergiram cinco temas: benefícios do aleitamento materno - destaque para o recém-nascido; trabalho materno e amamentação em público; marketing de alimentação infantil; profissionais de saúde versus família - apoio ao aleitamento materno; e sexualidade e estética durante a amamentação. **Conclusão:** embora as revistas perpassem por variados contextos que inserem a amamentação, a abordagem ocorre de maneira superficial e aleatória, não sustentada pelas evidências científicas e carregada de estereótipos e mitos que podem comprometer as escolhas das mulheres e a adesão a essa prática.

Palavras-chave: Aleitamento Materno; Meios de Comunicação de Massa; Saúde Materna; Saúde da Criança; Enfermagem.

ABSTRACT

Objective: to analyze the contents on breastfeeding carried by women's magazines of national circulation. **Methods:** Documentary, exploratory research, with a qualitative analysis of the data through the Content Analysis method, thematic modality. The data were collected between 2015 and 2016 and it was interpreted in the light of the gender perspective. **Results:** In the 72 published copies in the proposed period, there were 66 occurrences of the subject breastfeeding. From the analysis, five themes emerged, that were the Benefits of breastfeeding: emphasis on the newborn; Maternal labor and breastfeeding in public; Marketing of infant feeding; Health professionals versus family: support for breastfeeding; and Sexuality and esthetics during breastfeeding. **Conclusion:** Although the magazines pass by a variety of contents that insert breastfeeding, the approach is superficial and random, unsupported by scientific evidence and fraught with stereotypes and myths that may compromise women's choices and the adherence to this practice.

Keywords: Breast Feeding; Mass Media; Child Health; Maternal Health; Nursing.

RESUMEN

Objetivo: Analizar los textos sobre lactancia materna publicados en revistas femeninas de circulación nacional. **Métodos:** Investigación documental, exploratoria, con análisis cualitativo de datos según el método de Análisis de Contenido, modalidad temática. Los resultados fueron recogidos entre 2015 y 2016 e interpretados desde la perspectiva de género. **Resultados:** En los 72 ejemplares publicados en el período mencionado, el asunto lactancia materna se menciona 66 veces. Del análisis surgieron cinco temas: beneficios de la lactancia materna – con enfoque en el recién nacido; trabajo materno y lactancia materna en público; marketing de alimentación infantil; ¿Profesionales de la salud versus familia - apoyo a la lactancia materna?; sexualidad y estética durante la lactancia. **Conclusión:** Aunque las revistas enfocan varios contextos que incluyen la lactancia materna, el tema se trata de forma superficial y aleatoria, sin evidencias científicas y lleno de estereotipos y mitos que pueden comprometer las opciones de las mujeres y la adhesión a esta práctica.

Palabras clave: Lactancia Materna; Medios de Comunicación de Masas; Salud del Niño; Salud Materna; Enfermería.

Como citar este artigo:

Silva MN, Facio BC, Sarpi LL, Bussadori JCC, Fabbro RC. Amamentação em foco: o que é publicado nas revistas femininas no Brasil? REME – Rev Min Enferm. 2018[citado em ____ ____ ____];22:e-1113. Disponível em: _____. DOI: 10.5935/1415-2762.20180041

INTRODUÇÃO

Embora o Brasil seja reconhecido como referência mundial em aleitamento materno (AM),¹ em função das políticas públicas adotadas há pelo menos 30 anos, os indicadores de amamentação no país encontram-se aquém do recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e Ministério da Saúde (MS), demonstrando tendência à estabilização.²

Tendo em vista que o AM conjuga elementos biopsicoculturais de vida da mulher e que a decisão pela prática é fortemente influenciada pela sua vivência em sociedade, a melhora de tal realidade depende de investimentos financeiros e políticos, bem como de intervenções pertinentes e significativas em seus determinantes.^{1,3}

Entre os elementos influenciadores destacam-se as mídias de massa que, por exercerem grande força nas dinâmicas sociais e culturais, caracterizam-se como importantes formadoras de opinião pública.⁴ Entende-se que a veiculação crítica dos assuntos de saúde promove sua visibilidade pública, cujas pautas evidenciadas pela mídia no dia a dia da população incitam a discussão política sobre estes assuntos. Quando as pautas são colocadas nos espaços públicos e atingem certo nível de cobertura midiática, elas começam a atrair a atenção.⁴ Seguindo essa lógica, as mídias de massa vêm sendo identificadas como um potencial meio para desenvolver ações de promoção do AM, com efeitos comprovados em Bangladesh (Índia) e Tennessee (EUA), onde os índices de amamentação aumentaram após o uso desses meios em intervenções.^{1,5}

O impacto desses meios na intenção e/ou ato de amamentar depende da condição da mulher de estar ou não gestante, bem como da informação difundida e do tipo de mídia ao qual ela é exposta.^{5,6} Nesse sentido, a exposição de gestantes ao marketing de fórmulas infantis por intermédio de mídia impressa foi significativamente relacionada à duração mais curta da amamentação exclusiva.^{6,7} Assim, ressalta-se a importância dos profissionais de saúde, em especial o enfermeiro, estarem atentos à influência que às publicações nas mídias de massa exercem sobre a mulher, considerando-a durante sua assistência.

Diante do exposto e considerando-se que a mídia impressa feminina, como parcela do meio midiático geral, faz parte do meio cultural e informativo ao qual as mulheres estão expostas quando estão amamentando ou decidem amamentar, e que esse meio pode influenciar suas experiências e vivências, este estudo apresenta a seguinte pergunta de pesquisa: como as revistas femininas expressam o tema aleitamento materno? Para tanto, o objetivo foi analisar os conteúdos sobre aleitamento materno veiculados por revistas femininas de circulação nacional. Buscou-se identificar as situações que podem comprometer a promoção e o apoio a essa prática por meio de uma análise permeada pelas discussões de gênero, uma vez que estas possibilitam um olhar diferenciado às vivências femininas⁸ e a compreensão histórica acerca dessa experiência naturalizada como papel biológico e social da mulher.⁹

MÉTODO

Pesquisa documental, descritiva, exploratória, com análise qualitativa dos dados com base no referencial teórico de gênero. A abordagem deste referencial sustenta-se no fato de que o conceito de gênero, ao transcender o biológico, permite problematizar os valores culturais desenvolvidos a partir de significados construídos socialmente e transmitidos historicamente sobre a mulher e a amamentação.⁹ A coleta dos dados ocorreu entre 2015 e 2016 por meio da identificação de conteúdos relacionados ao tema AM em todos os exemplares – impressos e digitais acessados mediante pagamento – de três revistas de grande circulação nacional destinadas ao público feminino, publicados no período entre janeiro de 2014 e dezembro de 2015. O processo incluiu busca, em todas as páginas das revistas e considerando-se qualquer tipo de publicação (entrevista, nota, propaganda, reportagem, etc.), pelo termo aleitamento materno ou demais pertencentes ao contexto, por exemplo: “amamentação”, “desmame”, “mamadeira”, “fórmula láctea”, “leite artificial”, entre outros. Após a visibilização, o material era recortado e catalogado em relação ao nome da revista, mês de publicação, seção e tipo de publicação em um instrumento de autoria própria criado em processador de texto. O recorte temporal foi aleatório, considerando-se a exequibilidade como um projeto de iniciação de iniciação científica. O término da coleta ocorreu após análise da totalidade de exemplares referentes ao período referido.

O critério de escolha das revistas foi determinado a partir do objeto de estudo e público-alvo: com tiragem mensal de 428.388 exemplares, Claudia é a maior marca feminina do Brasil, com público predominantemente feminino (94,0%), de 25 a 50 anos de idade ou mais (84,0%), concentrado nas classes B e C (80,0%);¹⁰ a revista Nova é uma licença da *Cosmopolitan*, a maior revista feminina do mundo. Com tiragem mensal de 223.805 exemplares, tem o público consumidor caracterizado por mulheres (87,0%) entre 25 e 44 anos de idade (63,0%), pertencentes, principalmente, às classes B e C (83,0%);¹¹ por fim, a revista *Marie Claire*, criada em 1991 como o primeiro título internacional publicado pela Editora Globo, sendo uma das mais importantes publicações femininas do mundo e está presente em 33 países. No Brasil, possui tiragem de 233.000 exemplares mensais e é voltada para mulheres (92,0%) predominantemente entre 18 e 44 anos (53,0%), concentradas nas classes A e B (69,0%).¹²

O conteúdo dessas mídias versa sobre moda, beleza, relacionamento, carreira, comportamento, saúde, culinária, decoração, família, entre outros assuntos. E juntas possuem tiragem mensal nacional de quase um milhão de exemplares, o que as torna importantes veículos de comunicação de massa, com papel fundamental na formação da opinião pública.

Para a etapa de análise, refletiu-se durante o processo interpretativo sobre as questões que envolvem a construção social do que se entende ser mãe e nutriz, adotando o método

de Análise de Conteúdo na modalidade temática. Tal método consiste em:

*[...] descobrir os núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja presença ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido [...] O tema é geralmente utilizado como unidade de registro para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências, etc. [...]*¹³

As etapas da análise de conteúdo foram pré-análise; exploração do material ou codificação; tratamento dos resultados, inferência e interpretação¹³, tendo se cumprido a leitura na íntegra de todas as revistas e identificação dos conteúdos; classificação dos materiais considerando a que temas eram relacionados o AM e seus termos; e agrupamento em categorias – que consiste no conjunto de elementos ou aspectos com características comuns ou que se relacionam entre si – e subcategorias.¹³ Para a identificação da revista, utilizou-se codificação: R1 para a revista *Nova Cosmopolitan*, R2 para a revista *Marie Claire* e R3 para a *Claudia*.

Considera-se importante ressaltar que a pesquisa não necessitou de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, uma vez que este estudo documental foi sobre os conteúdos relacionados ao AM veiculados em documentos de domínio público.

RESULTADOS

Foram analisados na íntegra 72 exemplares, dos quais 24 eram da revista *Claudia*, 24 da *Nova Cosmopolitan* e 24 da *Marie Claire*. Nesses exemplares identificaram-se 66 publicações em que se fizeram presentes o termo AM e/ou demais relacionados, dos quais seis eram da revista *Nova Cosmopolitan*, 24 da *Marie Claire* e 36 da *Claudia*. Em nenhum momento foram contabilizadas as aparições de cada termo.

Essas ocorrências relacionaram o termo AM e demais pertinentes ao contexto aos seguintes temas: sexualidade e estética, mudanças no corpo da mulher, métodos contraceptivos, trabalho materno, amamentação em público, influência das avós, apoio paterno, amamentação no ambiente prisional, alimentação infantil, duração do aleitamento, intercorrências comuns, regras e rotinas para o recém-nascido, vínculo mãe-filho, reflexos do AM na saúde e sono de crianças e para recém-nascidos portadores de síndromes raras. Em duas revistas o AM não recebeu enfoque principal em qualquer das ocorrências observadas. Na outra, apareceu como enfoque primário em apenas três das 24 ocorrências observadas, sendo uma na capa da revista.

Da análise de todas as publicações e agrupamento dos termos mais frequentes emergiram seis categorias: 1) benefícios do aleitamento materno: destaque para o recém-nascido;

2) trabalho materno e amamentação em público; 3) marketing de alimentação infantil; 4) profissionais de saúde versus família: apoio ao aleitamento materno?; 5) sexualidade e estética durante a amamentação; e 6) amamentar: prazeres e provações.

BENEFÍCIOS DO ALEITAMENTO MATERNO: DESTAQUE PARA O RECÉM-NASCIDO

Dos diversos benefícios advindos da amamentação, percebeu-se nas revistas a vinculação de conteúdos que o relacionavam a: promoção de vínculo entre mãe e filho, boa saúde da criança e melhor qualidade de sono do recém-nascido.

Eva mamou no peito até os 8 meses [...] considero esse período precioso demais para a saúde e os vínculos de afeto (R3). Nesse período o foco é a amamentação, que tem uma influência direta com o sono. O bebê que mama bem dorme bem (R3).

Em se tratando dos benefícios para a mulher, a ênfase é a questão estética, ou seja, como colaborador no processo de perda de peso após o parto.

Já recuperei meu peso e foi sem neurose. Só amamentando, fazendo uma dieta equilibrada e voltando ao balé (R2). Recuperei meus 59 quilos graças à amamentação e aos bons hábitos alimentares (R2).

TRABALHO MATERNO E AMAMENTAÇÃO EM PÚBLICO

O trabalho materno, a amamentação em público e as propagandas de alimentação infantil, incluindo substitutos do leite materno, foram alguns dos determinantes da amamentação identificados nas revistas analisadas.

O trabalho materno surge como um fator limitante da prática da amamentação, criando por vezes situações em que a mulher precisa decidir entre manter o aleitamento ou trabalhar. Por outro lado, há ocorrências que remetem à possibilidade de conciliação quando existem condições e ambiente inclusivo para tal.

Quando a Yasmin nasceu, estava em um pico de trabalho maluco. Tirei só 15 dias de licença [...] Só que minha filha passou a ter dificuldades na amamentação. Fiquei estressada, sofri e ela também. Um dia vou me explicar. "Mamãe fez uma aposta alta, assumiu compromissos que achava que daria conta, mas não deu certo. Me perdoa filha?" (R2).

Poucos meses depois de o Antonio nascer, surgiu o convite para trabalhar com o Luiz. Falei: "Eu quero fazer

parte! O que vocês podem me dar para facilitar as coisas?" [...] Eles me prometeram flexibilidade de horários e um espaço para tirar o leite. Toppei! (R2).

A discussão sobre a amamentação em público foi o único momento em que questões relacionadas ao AM receberam enfoque primário dentro de uma das revistas (revista *Marie Claire*/ outubro de 2015). Com a foto de uma atriz amamentando sua filha, a revista lançou a campanha online "#medeixa", buscando combater as imposições da sociedade sobre as escolhas femininas. O boicote de redes sociais a fotos de mães amamentando seus filhos e os protestos feministas em prol da amamentação em público também foram assunto de discussão naquela mesma edição.

Amamentar em público, usar decote, fazer topless, parir em casa: a escolha é sua! (R2). Para defender o direito de mães das Forças Armadas norte-americanas de amamentar sem constrangimentos, a fotógrafa Tara Ruby reuniu dez mulheres fardadas com seus bebês e clicou o momento em que davam de mamar [...] O que transformou a fotografia em notícia, no entanto, foi o fato de que o Facebook, inexplicavelmente, a censurou (R2).

MARKETING DE ALIMENTAÇÃO INFANTIL

Os anúncios publicitários referentes à alimentação infantil foram identificados em oito momentos – três na revista *Marie Claire* e cinco na revista *Claudia*. Dos oito anúncios observados, três eram propagandas de substitutos do leite materno. Destaca-se que todos respeitavam a Norma Brasileira de Comercialização de Alimentos para Lactentes e Crianças de 1ª Infância, Bicos, Chupetas e Mamadeiras (NBCAL).

PROFISSIONAIS DE SAÚDE VERSUS FAMÍLIA: APOIO AO ALEITAMENTO MATERNO?

Quanto aos determinantes do AM, a figura do profissional de saúde foi retratada como influenciadora da prática de amamentação, em especial nos momentos de apoio e orientação.

No tempo do Antônio, o médico me ensinou a dar o peito a cada três horas. Com Alice, mudou tudo, a orientação era: chorou, dá o peito. E sempre que ela quiser. Passava a noite acordada (R3). [...] As pessoas diziam que seria muito difícil ela mamar de novo. Mas teve um médico que me apoiou. Aquilo me deu força. Finalmente alguém estava confiando em mim! (R3).

Em relação à influência exercida pela família na prática do aleitamento, a revista *Claudia* discute os conflitos intergeracio-

nais que existem na educação das crianças, trazendo a amamentação e a chupeta como um dos assuntos causadores de divergências entre mães e avós.

Aleitamento – as mães em geral, dão muita importância à amamentação e, com frequência, desejam prolongá-las até os 2 anos. As avós desde cedo aconselham a oferta de chás e água. Por volta dos 3 meses incentivam a introdução de frutas e outros complementos, como fizeram com seus filhos. Chupeta – as mães tentam evitá-la ao máximo. As avós são fãs da chupeta e defendem que seja apresentada ao bebê ainda na maternidade (R3).

Trazendo a “palavra dos especialistas” sobre os assuntos, a revista ainda diz:

Chupeta – Estudos recentes mostram que ela pode causar problemas ortodônticos, fonoaudiológicos, respiratórios e até excesso de peso. Além disso, a necessidade de sucção pode ser resolvida com a amamentação. As avós, no entanto, têm razão quando defendem que ela acalma. Por isso, se usada com parcimônia, para o bebê sair de uma crise de choro, está liberada (R3).

O apoio paterno durante a amamentação foi retratado em uma reportagem sobre os dilemas em torno da licença paternidade publicada pela revista *Marie Claire*, na qual um pai que desfrutou de trinta dias de licença conta como auxiliava sua esposa.

Ele acordava de três em três horas, mamava e voltava a dormir. Entendi que, nessa fase, tinha de focar nas necessidades básicas dele e da minha mulher. Levava água quando Ana estava amamentando e trocava as fraldas (R2).

A necessidade do engajamento masculino em assuntos relacionados ao aleitamento materno também foi trazida pela revista *Marie Claire* em forma de nota na seção MC News:

Chegou a vez do Brasil. Depois do lançamento em Nova York [...] a ONU traz ao país a campanha HeforShe, que debate a equidade de gênero pela ótica masculina. A ideia é engajar os homens na luta contra injustiças como desigualdade salarial e assédio em torno da amamentação (R2).

SEXUALIDADE E ESTÉTICA DURANTE A AMAMENTAÇÃO

A sexualidade feminina durante o AM foi retratada na coluna “consulta íntima” (revista *Nova Cosmopolitan*) em forma

de dúvida de uma leitora na questão da diminuição da lubrificação vaginal, ocasionada pelos hormônios atuantes na amamentação. Na revista *Claudia* o assunto estava inserido em um anúncio publicitário de um produto.

Tive bebê há alguns meses e, depois da quarentena, quando o sexo é liberado, senti que a minha lubrificação desapareceu e estou com dificuldade para transar. É normal? (R1).

Em resposta, a ginecologista colunista responde:

[...] Do ponto de vista físico, há a produção de um hormônio chamado prolactina durante a amamentação. Ele inibe a ovulação e, conseqüentemente, a produção de estrogênio e testosterona pelos ovários. Portanto, a mulher sente menos desejo e a lubrificação fica mais lenta (R1).

A representação da mãe que, como nutriz, deixa de ser mulher e passa a exercer a função exclusiva de alimentar o filho foi observada em uma entrevista de uma atriz (*Marie Claire*).

Amamentei meu filho até os 8 meses e, durante essa fase, você não é mais uma mulher. Você é um peito, é uma mãe, e ponto. Aos poucos, fui me livrando das roupas de gestante, trocando o sutiã de amamentação por uma lingerie nova e esse processo ajudou a me reencontrar como mulher (R2).

As questões relacionadas aos padrões estéticos de beleza emergiram na figura da mulher insatisfeita com a mama flácida após amamentação (*Claudia* e *Marie Claire*), na indicação de procedimentos estéticos e nas orientações dietéticas durante a gestação.

A australiana Taryn Brumfitt, 36 anos, recortaria o abdome – expandido demais em três gestações –, colocaria silicone e ergueria os peitos, em queda depois da amamentação. Era assim, feia, que ela se via (R3).

Quem não quer passar os nove meses bonita e saudável e recuperar a forma depois do parto? O Guia da Grávida em Forma traz 14 aulas especiais, cardápios para a gestação e amamentação, tabela de substituição dos alimentos e dicas superúteis para essa fase (R1; R3).

AMAMENTAR: PRAZERES E PROVAÇÕES

Entre as entrevistas e depoimentos enviados por leitoras às revistas, observou-se relação entre satisfação e duração da amamentação.

Como sempre almejei a maternidade, desfrutei muito das minhas gestações e senti enorme satisfação em amamentar. Não à toa, Marina só largou o peito aos 2 anos; e Flora, com 1 ano e meio (R3). [...] *Hoje, sinto orgulho em dizer que ambos foram amamentados até os 6 meses apesar de todos os desafios* (R3).

Contudo, a associação da amamentação (em especial na primeira gestação) com sofrimento materno é representada pelas alterações no sono, olheiras e estresse decorrentes do choro e das mamadas do recém-nascido.

A imagem da mãe de primeira viagem, estressada, cheia de olheiras e com o relógio biológico bagunçados pelos choros e mamadas do recém-nascido na madrugada passou longe [...] (R2).

Outra imagem retratada é a necessidade de impor regras e horários rígidos na rotina do recém-nascido, como algo promotor de uma primeira maternidade mais tranquila (*Marie Claire*).

A atriz paulista garante que, desde o nascimento do filho, estabeleceu regras e horários rígidos na rotina do bebê. Isso fez com que ela e o marido [...] encarassem a chegada do primeiro filho com mais tranquilidade (R2).

DISCUSSÃO

Os efeitos positivos do AM alcançam mãe e filho ao fortalecer laços afetivos, oportunizar intimidade, gerar sentimentos de segurança na criança e de autoconfiança e realização na mulher.¹⁴ Além de oferecer proteção contra infecções na infância e má-oclusões, reduzir sobrepeso e diabetes, aumentar a inteligência e reduzir a mortalidade em menores de cinco anos, traz, para as mulheres, diminuição do risco de câncer de mama e ovário, diabetes tipo 2, além de aumentar o intervalo entre gestações. Esses benefícios são importantes para o alcance de muitos dos objetivos de desenvolvimento sustentável até 2030.¹⁴

Evidenciou-se a retratação de benefícios relacionados à estética, com pouca divulgação dos demais, o que pode dificultar ainda mais a adesão das mulheres ao AM. Ainda se pode destacar que os discursos hegemônicos acerca da amamentação, veiculados por higienistas (e pela mídia), traduzem uma forma velada de pressionar as mulheres para a prática da amamentação, não apenas pelos reais benefícios para a criança, mas, sobretudo em nome da manutenção de uma coesão social, depositando na mulher a responsabilidade pela unidade familiar, enquanto o homem desfruta de mais disponibilidade para outras obrigações sociais.⁹ Dessa forma, as questões dos estereótipos de gênero e a dualidade entre o feminino e o materno existente na identidade

social feminina tornam-se essenciais para a construção de estratégias eficazes da promoção, proteção e apoio ao AM.

Em relação aos fatores intervenientes do AM exclusivo, os achados nas revistas são semelhantes a estudos prévios, visto que há citações nas revistas que denotam como interferência no sucesso ou não da amamentação o retorno ao trabalho, questões familiares e ligadas aos serviços de saúde, bem como padrões comportamentais sociais.^{1,15} Fica evidente uma tentativa de articular a decisão de amamentar aos determinantes sociais, no entanto, falta uma discussão mais aprofundada sobre como eles poderiam se converter em promotores dessa prática e sobre a importância tanto de uma determinação materna como de uma rede de apoio para a manutenção dessa prática. Ao retratar superficialmente os determinantes sociais, as revistas perdem a oportunidade de discutir o contexto de desigualdade de gênero, marcado por falta de suporte e informação, no qual se insere o desmame precoce, com consequente oferta da alimentação artificial.¹⁶

O trabalho materno tem sido registrado como um dos principais motivos para o desmame precoce,^{1,9,15} especialmente pela falta de condições do ambiente, distância entre o local do trabalho e residência e o não cumprimento de leis, como a licença maternidade^{1,15}, causando nas mulheres sofrimento, culpa e insegurança quanto ao cumprimento da função materna.³ Diante disso, salienta-se o caráter iminente de desenvolvimento de intervenções que façam valer os direitos da mulher trabalhadora de poder amamentar,¹ o que não mereceu realce nas revistas, perpetuando a imagem de que o trabalho por si só é limitante para a amamentação, deixando de explorar o papel da sociedade e do empregador para a manutenção do AM.

A amamentação em público é expressa nas revistas como um direito da mulher e da criança. Embora essa prática seja culturalmente representada como o ideal, o ato de amamentar em público está ligado a muitos tabus em relação à sexualidade e objetificação dos corpos femininos, o que acaba por gerar constrangimentos para as mulheres, limitando a mobilidade das mesmas em amamentar.^{1,16}

Outro fator a se considerar como influenciador da prática da amamentação é o marketing de substitutos do leite materno encontrado nas revistas.

Há comprovação de que o aumento em sua veiculação enfraquece a promoção do aleitamento, relacionando-se à queda nos índices dessa prática.⁷ A exposição de mulheres grávidas durante o pré-natal a informações sobre substitutos do leite em revistas foi associada à duração prevista mais curta da amamentação exclusiva.⁶ Embora seja inquestionável a superioridade do leite humano, o desmame precoce com consequente oferta de substitutos do leite torna-se frequente,¹⁷ uma importante fonte de lucros para seus produtores e distribuidores, que em 2014 movimentou 44,8 bilhões de dólares.¹ Cabe enfatizar que os anúncios publicados pelas revistas seguiram NBCAL^{17,18}, que controla a publicidade

indiscriminada dos alimentos e produtos de puericultura que concorrem com o AM.¹⁷ No entanto, o uso da chupeta, fator de risco associado à interrupção do AME,¹⁵ permaneceu em aberto, o que pode colocar a mãe/família em dúvida em usar ou não.

Ainda sobre os determinantes estruturais da amamentação, a família e os profissionais de saúde ora são representados como apoiadores, ora como limitadores do AM. Essa dualidade é reconhecida na literatura,^{1,3} visto que, em se tratando dos familiares, ao mesmo tempo em que fornecem suporte, eles disseminam hábitos e crenças que podem interferir negativamente na manutenção do AM; enquanto no caso dos profissionais a interferência depende da atuação no manejo das dificuldades. Revisão integrativa mostrou que, no cotidiano das práticas assistenciais, os profissionais de saúde tendem a se voltar para o corpo biológico, fundamentados nas necessidades da criança, omitindo outras vantagens para a mulher, assim como possíveis dificuldades que podem ocorrer durante a amamentação. Essa postura corrobora a cultura de que a amamentação é inata à figura feminina, inerente ao amor aos filhos e ausente da participação masculina.

No que se refere ao homem, o encontrado nas mídias restringe-se à licença paternidade, importante, mas não única. É clara a necessidade de se ampliar a licença paternidade como uma estratégia para fortalecimento da prática do AM, como um caminho para tornar mais equânime a divisão da criação do filho, além de desprecarizar a situação atual da mulher no mercado de trabalho. É um importante passo para romper o paradigma de homem provedor e mulher do lar, seguindo rumo à igualdade de responsabilidade no cuidado dos filhos.⁹ Todavia, homens precisam ser provocados do importante papel parental e incentivados a quebrarem a clássica divisão sexual em que à mulher/mãe é atribuída a função exclusiva do cuidado ao recém-nascido.

Ainda sobre os estereótipos de gênero, sexualidade e AM, a partir das dúvidas por parte de leitoras sobre as modificações corporais na amamentação identificou-se que há deficiência do tema sexualidade no repertório de profissionais da saúde no manejo do AM, que tratam a mama feminina, símbolo da maternidade, como exclusividade do filho, excluindo desse cenário a sexualidade da puérpera que, além de nutriz, também é mulher.¹⁹ Isso pode ser explicado pela conservação da apreciação da mama como fonte alimentar e não como uma parte erotizada do corpo,¹⁶ o que limita a abordagem da amamentação a uma questão exclusivamente técnica, excluindo dimensões mais ampliadas como a sexualidade no pós-parto. Portanto, é primordial uma abordagem integral da mulher que, como sujeito ativo no processo de amamentação, precisa ser considerada para além da função materna.¹⁹

Por fim, a relação entre motivação para amamentar e duração dessa prática,^{1,3} bem como a superação dos obstáculos encontrados pelo caminho, remete à necessidade de reconhecer as singularidades no processo da amamentação, compreendendo que cada mulher vivencia o AM de maneira particular, in-

fluenciada por desejos, valores e condicionantes do seu contexto de vida.²⁰ Embora o AM seja socialmente reconhecido como algo intrínseco à figura feminina,⁹ sua prática é envolta por dificuldades e desafios que demandam, por parte da mulher, apoio e suporte profissional ancorados na compreensão do caráter singular dessa vivência.²⁰ Recomenda-se uma abordagem da amamentação como prática social influenciada pelo meio interno e externo de cada mulher, destacando-se modo de pensar, sentir e viver em relação ao AM. A compreensão ampliada, fundada na perspectiva de gênero, evidencia que essa prática não é inata, necessitando de incentivo, aprendizado e apoio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De maneira geral, o AM foi abordado pelas revistas de forma superficial, surgindo eventualmente na fala de mães, famosas ou não, ao relatarem suas experiências com a maternidade e amamentação, ou em meio a discussões sobre os mais variados assuntos ligados ao cotidiano feminino. Observou-se a veiculação de benefícios do AM, propagandas de outros tipos de leite e matérias que divulgam práticas não recomendadas pelo MS, como controlar os intervalos e duração das mamas, emergindo a necessidade de ponderações por parte dos meios comunicacionais a fim de não comprometer os esforços movidos para promoção, proteção e apoio da amamentação.

Raramente a amamentação foi discutida como uma responsabilidade social coletiva e pareceu evidente nas revistas a visão de uma prática solitária, cheia de culpa e sofrimento. Prevalence a imagem da mulher nutriz assexuada, totalmente abdicada em prol da saúde do filho e, que ainda assim, é responsabilizada individualmente pelo sucesso ou insucesso da amamentação.

Isso torna evidente a necessidade de uma mudança no modelo de atenção à saúde da nutriz, que deve ultrapassar o modelo biomédico, tornando relevantes as discussões que abarquem os direitos reprodutivos e sexuais e o exercício da maternidade, dentro do âmbito social.

Ao analisar um dos determinantes do AM pouco explorados em outras pesquisas, este estudo descreve resultados que favorecem a discussão, bem como o desenvolvimento de políticas que utilizem esses meios de comunicação como ferramenta para disseminar boas práticas de amamentação. Devido à pequena fração das mídias de massa analisadas (somente três revistas), orienta-se à realização de novos estudos que abordem as demais parcelas.

Recomenda-se às revistas femininas que a amamentação seja entendida como um direito e não um dever da mulher, de forma a estabelecer relações cada vez mais sólidas e respeitadas entre essa prática e a saúde reprodutiva da mulher, garantindo escolhas informadas.

As contribuições deste estudo para a enfermagem e para a saúde perpassam uma reflexão sobre o papel da mídia no siste-

ma de defesa sanitária, o qual deveria ser ancorado nos princípios éticos, da cidadania e do controle social. É preciso estar consciente de que a forma como essa informação é escrita pode induzir a determinadas ideologias que somente atendem aos interesses de grupos e corporações. A propaganda sobre a alimentação infantil é um exemplo. Ela ocorre sem considerar os cenários de desigualdades de gênero, que incluem a falta de suporte familiar, trabalhista e comunitário para a amamentação; encobre uma sexualização das mamas femininas e, por outro lado, a estigmatiza à condição de mama maternal, o que pode limitar as possibilidades de a mulher amamentar em público. Não se pode esquecer que a história já mostrou declínio dessa prática na década de 70, o que coincidiu com o auge das práticas de marketing e venda de leites artificiais “alimentados” por ação de profissionais de saúde que estimulavam o uso de fórmulas infantis. Nesse sentido, o profissional enfermeiro deve ser capaz de considerar os aspectos socioculturais que estão inseridos na prática da amamentação, com um olhar ampliado e dirigido às opiniões e crenças construídas pelos contatos anteriores com a mídia.

AGRADECIMENTOS

Nossos agradecimentos ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica; Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq; Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.

Dedicamos este trabalho à memória da Prof.^a Dra. Mariana de Oliveira Fonseca Machado, uma das idealizadoras deste projeto.

REFERÊNCIAS

1. Rollins NC, Lutter CK, Bhandari N, Hajejebhoy N, Horton S, Martines JC, *et al*. Why invest, and what it will take to improve breastfeeding practices? *Lancet*. 2016[citado em 2017 mar. 27];387(10017):491-505. Disponível em: [http://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(15\)01044-2/abstract](http://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(15)01044-2/abstract).
2. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. II Pesquisa de prevalência de aleitamento materno nas capitais brasileiras e Distrito Federal. Brasília (DF): MS; 2009. [citado em 2017 mar. 27]. Disponível em: bvs/publicacoes/pesquisa_prevalencia_aleitamento_materno.pdf.
3. Monte GCSB, Leal LP, Ponte CM. Rede social de apoio à mulher na amamentação. *Cogitare Enferm*. 2013[citado em 2017 jul. 08];18(1):148-55. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/31321>
4. Cavaca AG, Vasconcellos-Silva PR, Ferreira P, Nunes JA. Entre evidências e negligências: cobertura e invisibilidade de temas de saúde na mídia impressa portuguesa. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2015[citado em 2017 jul. 15];20(11):3569-80. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v20n11/1413-8123-csc-20-11-3569.pdf>
5. Ware JL, Mzayek F, Levy M. Lessons learned in a breastfeeding media campaign. *Breastfeeding Med*. 2016[citado em 2017 jul. 08];11(7):380-5. Disponível em: <http://online.liebertpub.com/doi/pdf/10.1089/bfm.2016.0047>
6. Zhang Y, Carlton E, Fein SB. The association of prenatal media marketing exposure recall with breastfeeding intentions, initiation, and duration. *J Hum Lact*. 2013[citado em 2017 jul. 08];29(4):500-9. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0890334413487256>

7. Foss KA, Southwell BG. Infant feeding and the media: the relationship between Parents' Magazine content and breastfeeding, 1972–2000. *Int Breastf J*. 2006[citado em 2017 mar. 27];1(10). Disponível em: <https://internationalbreastfeedingjournal.biomedcentral.com/articles/10.1186/1746-4358-1-10>
8. Scott J. *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica*. 2ª ed. Recife: SOS Corpo; 1995.
9. Kalil IR, Aguiar AC. Trabalho feminino, políticas familiares e discursos pró-aleitamento materno: avanços e desafios à equidade de gênero. *Saúde Debate*. 2016 [citado em 2017 jul. 08];40(110):208-23. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sdeb/v40n110/0103-1104-sdeb-40-110-0208.pdf>
10. Marcas e plataformas Cláudia. 2017[citado em 2017 mar. 27]. Disponível em: <http://publiabril.abril.com.br/marcas/claudia/plataformas/revista-impressa>
11. Marcas e plataformas. *Cosmopolitan*. 2017. [citado em 2017 mar. 27]. Disponível em: <http://publiabril.abril.com.br/marcas/cosmopolitan/plataformas/revista-impressa>.
12. *Mídia Kit Beleza*. Marie Claire. São Paulo: Editora Globo; 2014. [citado em 2017 mar. 27]. Disponível em: http://marieclaire.globo.com/midiakit/arquivos/MidiaKit_MarieClaire_2014.pdf.
13. Bardin L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70; 2011.
14. Victora CG, Bahl R, Barros AJD, França GVA, Horton S, Krasevec J, et al. Amamentação no século 21: epidemiologia, mecanismos, e efeitos ao longo da vida. *Epidemiol Serv Saúde*. 2016[citado em 2018 maio 15];25:1-24. Disponível em: <http://scielo.iec.pa.gov.br/pdf/ess/v25n1/Amamentacao1.pdf>
15. Uema RTB, Souza SNDH, Mello DF, Capellini VK. Prevalência e fatores associados ao aleitamento materno no Brasil entre os anos 1998 e 2013: revisão sistemática. *Semina Ciênc Biol Saúde*. 2015[citado em 2017 mar. 27];36(Supl.1):349-62. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminario/article/view/19269/16935>.
16. Smith PH. Is it just so my right? Women repossessing breastfeeding. *Int Breastfeed J*. 2008[citado em 2017 jul. 08];3(12):6p. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2527486/pdf/1746-4358-3-12.pdf>
17. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *A legislação e o marketing de produtos que interferem na amamentação: um guia para o profissional de saúde*. Brasília (DF): MS; 2009. [citado em 2017 mar. 27]. Disponível em: bvsms.saude.gov.br/bvs/.../legislacao_marketing_produtos_amamentacao.pdf.
18. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. *Promoção Comercial dos Produtos Abrangidos pela NBCAL*. Brasília: ANVISA; 2006. [citado em 2017 jul. 08]. Disponível em: http://www.anvisa.gov.br/propaganda/cartilha_nbcalf.pdf
19. Martins EL, Vargens OMC. Perceptions of women about sexuality during breastfeeding: an integrative literature review. 2014[citado em 2017 jul. 08];22(2). Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/13670/10462>
20. Oliveira CS, Locca FA, Carrijo MLR, Garcia RAT. Breastfeeding and complications that contribute to early weaning. *Rev Gaúcha Enferm*. 2015[citado em 2017 mar. 27];36(Spe):16-23. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/56766/36752>.